

## CONHECENDO A PERSPECTIVA PÓS-ESTRUTURALISTA: BREVE PERCURSO DE SUA HISTÓRIA E PROPOSTAS

KNOWING THE PERSPECTIVE AFTER STRUCTURALIST:  
JOURNEY BRIEF HISTORY OF YOUR AND PROPOSALS

Márcia Adriana Brasil Aguiar<sup>1</sup>, Josiane Peres Gonçalves<sup>2</sup>

Recebido em: 29 de agosto de 2016  
Aprovado em: 02 de janeiro de 2017  
Sistema de Avaliação: Double Blind Review  
RCO | a. 9 | v. 1 | p. 36-44 | jan./jun. 2017

### RESUMO

O presente estudo tem por finalidade abordar sobre o pós-estruturalismo enquanto corrente de investigação filosófica, que tem como principal proposta a recusa aos fundamentos tradicionais da filosofia e, a partir daí, questiona e transforma os princípios teóricos de seu antecessor, o estruturalismo. A pesquisa bibliográfica apresenta discussões relativas à desconstrução de ideias binárias enquanto fontes de verdades absolutas, bem como ao descentramento da compreensão de sujeito a partir das principais teorias de estudo vinculadas à referida perspectiva, ou seja: teoria do discurso, estudos culturais e teoria *queer*. Percebe-se que, para além das preocupações relativas às diferenças entre as classes sociais, o pós-estruturalismo questiona a sociedade em relação a outras formas de dominação que resultam na exclusão das minorias, como por exemplo, as relações étnico-raciais, de gênero e de sexualidade.

**Palavras-chave:** Pós-Estruturalismo. Discurso. Estudos Culturais. Teoria *Queer*.

### ABSTRACT

The present study aims to address post-structuralism as a current of philosophical inquiry, whose main purpose is to refuse the traditional foundations of philosophy and, from there, questions and transforms the theoretical principles of its predecessor, structuralism. The bibliographical research presents discussions about the deconstruction of binary ideas as sources of absolute truths, as well as the decentering of subject comprehension from the main theories of study related to that perspective, that is: discourse theory, cultural studies and queer theory. It can be seen that, in addition to concerns about differences among social classes, poststructuralism questions society in relation to other forms of domination that result in the exclusion of minorities, such as ethnic-racial relations, gender And sexuality.

**Keywords:** Post-Structuralism. Speech. Cultural Studies. Queer Theory.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No presente estudo pretende-se engendrar no conhecimento acerca da perspectiva pós-estruturalista, seus conceitos, principais pressupostos e maneiras de explicar a realidade social em que vivemos. Trata-se de um estudo que possibilita conhecer e ampliar os horizontes acerca da diversidade

<sup>1</sup> Mestranda em Educação (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Brasil). E-mail: marcia.brasil@live.com.

<sup>2</sup> Doutora em Educação (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/Brasil). E-mail: josianeperes7@hotmail.com.

apresentada pelas teorias que se encontram vinculadas à perspectiva pós-estruturalista, tais como: teoria do discurso, estudos culturais e teoria *queer*.

Cada uma dessas teorias apresenta aspectos diferentes (discurso, cultura e gênero), mas que são igualmente trabalhadas pelo desconstrutivismo e descentramento do sujeito apresentado outrora na história da humanidade. Entende-se que é importante compreender a perspectiva pós-estruturalista, por explicar as relações de dominação existentes na sociedade, cuja dominação vai além do aspecto econômico, incluindo questões étnico-raciais, de gênero e de sexualidade. Assim, nas diversas formas de dominação, um determinado grupo social é visto como hegemônico o qual estabelece relações de poder a outros grupos que são vistos socialmente como subordinados.

A compreensão dessa realidade se faz necessária para buscar desconstruir o que culturalmente foi elaborado e que resulta na opressão, discriminação e exclusão de determinados grupos sociais.

## **2 PERSPECTIVA PÓS-ESTRUTURALISTA E TEORIAS DE ESTUDO**

O pós-estruturalismo surge como uma forma de repensar e reanalisar as teorias estruturalistas instaurando uma desconstrução de alguns conceitos considerados como verdades absolutas e centrais. De acordo com Peters (2000), o termo “pós-estruturalismo” tem sua origem nos Estados Unidos e teria surgido para nomear uma prática típica daquele país, baseada na assimilação do trabalho de uma gama diversificada de teóricos. Alguns autores preferem denominar de “neoestruturalismo”, enfatizando a ideia de continuidade com o estruturalismo; ou ainda “superestruturalismo” como uma espécie de expressão ‘guarda-chuva’, tendo como base os pressupostos comuns. “Todas essas expressões mantêm como central a *proximidade* histórica, institucional e teórica do movimento ao estruturalismo” (PETERS, 2000, p. 28).

Existem muitas proximidades entre o estruturalismo e o pós-estruturalismo, bem como inovações teóricas distintas. Mas não se pode negar que o pós-estruturalismo é decididamente interdisciplinar, apresentando-se por meio de muitas e diferentes correntes.

Entretanto, o autor menciona que não se refere a uma escola de pensamento definida, uma vez que corporifica diferentes conhecimentos e práticas críticas e caracteriza-se pela preponderância da análise das formas simbólicas, da linguagem, como constituintes da subjetividade – e não como constituídas por esta. Ou seja, estruturalistas e pós-estruturalistas entendem a linguagem e a cultura como sistemas simbólicos e desenvolveram estratégias de análises considerando a realidade como uma construção social subjetiva.

Para Hall (1998), uma característica importante que difere a perspectiva estruturalista da pós-estruturalista refere-se à centralidade do sujeito, havendo cinco principais momentos de avanços na teoria social e nas ciências humanas que contribuíram para o descentramento do sujeito:

- A primeira descentração humana refere-se às tradições do pensamento marxista, que direciona a centralidade das ações no ser social, colocando o sujeito no interior das grandes estruturas que sustentam a sociedade moderna;

- O segundo descentramento surge a partir da descoberta do inconsciente mediante a teoria Psicanalítica de Sigmund Freud, que rompe com o conceito de sujeito racional cartesiano;

- O terceiro momento de descentramento refere-se à teoria linguística de Ferdinand de Saussure que argumenta: “[...] nós não somos, em nenhum sentido, os ‘autores’ das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua [...] O significado é inerentemente instável: ele procura o

fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença)” (HALL, 1998, p. 40-41);

- O quarto momento relevante de descentração de identidade e do sujeito diz respeito ao trabalho de Michel Foucault, mediante o conceito de ‘poder disciplinar’ que surge na sociedade do século XIX, o qual busca ‘docilizar’ o corpo e comportamentos dos sujeitos, por meio das instituições que policiam e disciplinam as populações modernas;

- O quinto momento importante refere-se ao impacto do feminismo, tanto como uma crítica teórica como enquanto movimento social, que traz à tona inúmeros questionamentos políticos e sociais sobre a forma como os sujeitos masculinos e femininos são constituídos, incluindo questões como subjetividade, formação das identidades sexuais e de gênero, etc.

O descentramento do sujeito anunciado pelo pós-estruturalismo rompe com a concepção de um ser humano essencialista e universal compreendido pelos estruturalistas e permite pensar nas mais variadas formas de experiências vivenciadas em diferentes contextos, por diferentes indivíduos. Nesse sentido, compreende-se que o pós-estruturalismo “[...] reafirma a importância da estrutura, não na constituição do Sujeito, mas sim na determinação das diferentes posições de sujeito, que emergem nos momentos de tomada de decisão” (PEREIRA, 2010, p. 422).

Um aspecto relevante em relação aos estudos pós-estruturalistas refere-se aos questionamentos sobre a maneira pela qual a sociedade encontra-se estruturada. Assim, Silva (2005a) enfatiza que se trata de uma perspectiva que vem questionar o *status quo* refletindo sobre a crítica com que anteriormente este *status quo* era questionado, posto que tal crítica se valia de algum aparato, de uma referência certa para a crítica, algo dado como certo e verdadeiro. É esse dado concebido como ‘certo e verdadeiro’ que o pós-estruturalismo questiona.

A análise sobre o *status quo* historicamente esteve voltado às relações de dominação existentes entre as classes sociais, no campo das relações econômicas do capitalismo, por se acreditar que resolvendo o problema da divisão de classes sociais a sociedade seria mais justa e igualitária. Porém, “[...] as teorias pós-críticas não limitam a análise do poder ao campo das relações econômicas do capitalismo. Com as teorias pós-críticas, o mapa do poder é ampliado para incluir os processos de dominação centrados na raça, etnia, no gênero e na sexualidade” (SILVA, 2005b, p. 149).

As relações de dominação ultrapassam as barreiras da economia capitalista, vão além de explorador e explorado, ricos e pobres, patrão e empregados, visto que incluem outras diferentes formas de dominação, como dos homens contra as mulheres, dos brancos contra os negros, dos heterossexuais contra os homossexuais, entre outros. É justamente essas outras formas de dominação que a perspectiva pós-estruturalista vem questionar, com o objetivo de desconstruir esses conhecimentos que foram produzidos culturalmente, resultando na exclusão das minorias.

Os questionamentos da perspectiva pós-estruturalista em relação ao que é visto como “certo e verdadeiro” pressupõe um repensar sobre a forma como se dá a construção do conhecimento científico, seus métodos e técnicas e sua eficácia na sociedade. Significa questionar o lugar que a ciência ocupa enquanto enunciação da verdade absoluta. O que está em jogo na análise da perspectiva pós-estruturalista é o próprio discurso da ciência.

Partindo do princípio de que o pós-estruturalismo é entendido como guarda-chuva que abrange as mais diferentes teorias e perspectivas, pode-se levantar uma falsa ideia de algo instável e desordenado. Na realidade, existem algumas teorias que, embora priorizando alguma área de estudo, baseia-se também na perspectiva de desconstrução, como é o caso da Teoria do Discurso, dos Estudos Culturais e da Teoria *Queer*, conforme será analisado na sequência.

## 2.1 PÓS-ESTRUTURALISMO E TEORIA DO DISCURSO

Para Machado (2011), o pós-estruturalismo é inseparável da tradição estruturalista da linguística de Ferdinand de Saussure. Porém, ao contrário da compreensão dos estruturalistas, os pós-estruturalistas concebem significado (conceito) e significante (imagem acústica) como em mútua relação, partindo do pressuposto da superioridade do significante em relação ao significado. Daí decorre as análises dos discursos.

O conceito de discurso em Saussure provém da distinção que o mesmo faz entre língua e fala, sendo a primeira o aspecto estrutural da linguagem e a segunda o modo particular como a fala se articula em relação à língua. O discurso, então, seria a apropriação pelo indivíduo falante do universo da língua (MACHADO, 2011).

Ao inverter essa relação e colocar o significante em posição privilegiada, Lacan (1998) afirma que no inconsciente as representações devem ser tomadas como significantes e conforme afirma Machado (2011, p. 278): “Uma palavra em si não tem sentido algum, sem um sujeito que se responsabilize e responda por ela, de acordo com a representação que tal palavra tem para si em sua história particular. O significante é algo contingente que um sujeito toma como necessário”.

O autor ainda compreende a questão do discurso enquanto formas de laços sociais tecidos e estruturados pela linguagem, garantindo o enquadramento das pulsões, na medida em que o processo civilizatório, para permitir o estabelecimento das relações entre as pessoas, implica a renúncia das tendências pulsionais (QUINET, 2006).

Partindo da obra *O mal-estar na civilização* (1930; 1996) em que Freud aponta o relacionamento com os outros enquanto maior causa de sofrimento do homem, Lacan depreende, portanto, que o mal-estar da civilização representa o mal-estar dos laços sociais, que se expressam em quatro formas de as pessoas se relacionarem: Governar, Educar, Analisar e Fazer desejar, o que leva Lacan a teorizar os quatro tipos de discursos: Discurso do mestre (governar), Discurso do universitário (educar), Discurso do analista (analisar) e o Discurso histérico (fazer desejar). Com a teoria dos discursos Lacan formaliza o que Freud designou como as três profissões impossíveis (governar, educar e analisar), acrescentando o que aprendeu com as pessoas históricas.

Já Michel Foucault (1996), durante uma aula inaugural no Colégio da França, destaca que, intrínseco ao discurso, estão em jogo o desejo e o poder. “O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascará-la” (p. 20).

Do ponto de vista sociológico, Losekann (2012) aponta que fora do discurso nada existe, não há sentido, posto que compreende o discurso enquanto fenômeno social. Nesse sentido, qualquer uma das ações humanas pode ser explicada a partir da linguagem, do estabelecimento do discurso enquanto materialização das práticas na linguagem.

Como é possível observar, existem várias teorias do discurso, tornando-se necessário optar por alguma delas, compreender os principais conceitos para que seja possível provocar uma análise desconstrutiva que seja capaz de evidenciar a natureza discursiva de determinados fenômenos (LOSEKANN, 2012). Pensar em termos de discurso por meio da perspectiva pós-estruturalista significa, portanto, romper com qualquer expectativa de encontrar a verdade absoluta e romper com o puro idealismo.

## 2.2 PÓS-ESTRUTURALISMO E ESTUDOS CULTURAIIS

De acordo com Hall (1980), os Estudos Culturais tiveram início na década de 1950, na Inglaterra, em contexto de pós II Guerra Mundial, em meio às movimentações de grupos sociais que buscavam questionar a elitização da cultura e desmoralização das chamadas culturas de massa.

Diante desse cenário, o projeto inicial dos Estudos Culturais britânicos era justamente analisar a extensão do termo ‘cultura’ e a não abrangência de atividades populares na definição elitista que a governava à época. Os primeiros trabalhos abordavam sobre a importância de analisar a produção cultural de uma sociedade como forma de entender os padrões de comportamento e pensamentos dos seres que nela vive num dado momento histórico. Nesse contexto, a cultura abrange todas as produções culturais (textos, músicas, danças, etc.) e as suas práticas, compreendendo que tal conjunto de produções possui em si uma significação política. A cultura é então conceituada e compreendida como algo que se entrelaça às práticas sociais, como atividade através das quais homens e mulheres fazem a sua história (HALL, 1980, p. 63).

Ao refletir sobre as relações existentes entre a perspectiva marxista e os Estudos Culturais, Sérgio e Martins (2013) sinalizam que, em termos teóricos, os Estudos Culturais nunca se encaixaram totalmente aos conceitos do marxismo e entre as várias incompatibilidades, destaca-se principalmente à crítica ao determinismo econômico.

A leitura interacionista de Marx pressupõe que o conhecimento seria fruto das relações históricas entre homem e natureza. Contudo, em seu trabalho, defendeu primordialmente que eram as bases materiais que determinariam aquilo que chamou de superestrutura, as instituições jurídicas, políticas e ideológicas (as artes, a religião, a moral). Dessa mesma maneira, ele defendia que as contradições que permitiam as transformações históricas deveriam existir primordialmente já na base da sociedade, nas forças produtivas e nas relações de produção. Para os Estudos Culturais, todavia, Marx caiu em um determinismo econômico, na medida em que a cultura era definida apenas como um reflexo da situação econômica. À cultura, alertavam, não se resguardava nenhuma real efetividade social própria (SÉRVIO; MARTINS, 2013, p. 04).

Para os referidos autores, o marxismo clássico se caracteriza como reducionista, devido a “[...] tendência de concluir que se pode dizer tudo sobre a dimensão cultural de um povo apenas identificando sua posição na estrutura de classe no modo de produção vigente” (p. 04), quando na realidade, existem outros aspectos importantes que precisariam ser considerados, como por exemplo, as dimensões de raça, etnia, gênero e sexualidade.

Nesse contexto, o pós-estruturalismo também analisa as relações de poder existentes na sociedade, mas não somente naquele que é exercido pela classe dominante. Existem outras formas de poder que predomina entre as pessoas de determinados contextos sociais, ou até mesmo entre países, como é o caso da Europa e Estados Unidos, que exercem o poder em relação a outras nações que se encontram em processo de desenvolvimento.

Desse modo, as sociedades capitalistas são vistas como espaços em que predominam as desigualdades étnico-raciais, de gênero, sexuais, etc. e que na esfera cultural é possível contestar tais distinções, posto que é nos espaços sociais que se dá a luta pela significação em que os grupos subordinados procuram fazer frente à imposição dos interesses dos grupos hegemônicos. Seria, portanto, na análise de toda essa situação, nos textos culturais, que essa significação é negociada e fixada (HALL, 2010).

Quanto à perspectiva de estudo e investigação, Hall (2010) esclarece que os Estudos Culturais não devem ser entendidos com uma disciplina separada, mas sim como uma área do conhecimento que agrega diversas disciplinas que tem por finalidade estudar os aspectos culturais da sociedade. Trata-se da perspectiva da interdisciplinaridade, em que alguns interesses investigativos são convergentes, permitindo compreender as situações que não são acessíveis somente a partir de uma única área do conhecimento. Ou seja, ao analisar a perspectiva de gênero ou de raça, por exemplo, é preciso considerar fatores históricos, geográficos, sociais, econômicos, políticos, etc.

A interdisciplinaridade é uma característica importante dos Estudos Culturais, visto que os estudos interdisciplinares sempre estiveram relacionados com os paradigmas estritamente teóricos, sob os quais emergiram as discussões, e também com práticas concretas que visavam a transformação da realidade. Assim, são tantos os caminhos de pesquisa e tantas posições teóricas que os Estudos Culturais não constituem um conjunto articulado de ideias, enquanto uma disciplina acadêmica em seu sentido tradicional, mesmo porque essa nunca foi a intenção. Trata-se de um conjunto de abordagens, problematizações e reflexões que convergem em vários campos já estabelecidos, em diferentes teorias que somam seus conhecimentos para falarem daquele determinado objeto. Para Hall (2010), os Estudos Culturais constituíram um projeto político de oposição e suas discussões e estudos partindo sempre de alguma inquietude diante de aspectos culturais da sociedade, promovendo bastante discussão e instabilidade.

Quanto à metodologia de pesquisa predominante nos Estudos Culturais, Escosteguy (1998) menciona que houve o predomínio de investigações que se basearam na abordagem qualitativa, principalmente a etnografia. “A escolha por trabalhar etnograficamente deve-se ao fato de que o interesse incide nos valores e sentidos vividos. O estudo etnográfico acentua a importância nos modos pelos quais os atores sociais definem por eles próprios as condições em que vivem” (p. 90).

Para finalizar a análise sobre a teoria dos Estudos Culturais, cabe destacar a reflexão sobre cultura, proposta por Escosteguy (1998, p. 90), que norteia a perspectiva pós-estruturalista:

Com a extensão do significado de cultura de textos e representações para práticas vividas, considera-se em foco toda produção de sentido. O ponto de partida é a atenção sobre as estruturas sociais (poder) e o contexto histórico enquanto fatores essenciais para a compreensão da ação dos meios massivos, assim como, o desprendimento do sentido de cultura da sua tradição elitista para as práticas cotidianas.

### 2.3 PÓS-ESTRUTURALISMO E TEORIA *QUEER*

Além da teoria do discurso e Estudos Culturais, a perspectiva pós-estruturalista abrange também os estudos desenvolvido pela Teoria *Queer*, que questiona a ordem política e cultural da heterossexualidade hegemônica e busca um foco menos “minoritarizante” com relação às sexualidades dissidentes – transexuais, travestis, intersexo, etc., conforme Miskolci (2014). A emergência das demandas de reconhecimento homossexual se deu nos movimentos da metade de século XX, quando os intelectuais passaram a questionar as fontes teórico-conceituais existentes para compreender as chamadas sexualidades dissidentes, partindo da premissa da heterossexualidade enquanto norma.

Na perspectiva *queer*, a heterossexualidade não é algo natural e seu domínio ocorre por meio das bases políticas e culturais. Portanto, os teóricos *queer* realizam uma crítica a essa hegemonia, criando termos como heterossexismo, heteronormatividade e matriz heterossexual. Numa explicação didática, Miskolci (2014, p. 14) explica:

De forma geral, heterossexismo explicita quando a heterossexualidade é tomada como um dado, pressuposta ou esperada em teorias, normas jurídicas ou mesmo em relações sociais cotidianas. Heteronormatividade se refere às normas sociais que impõem não necessariamente a heterossexualidade em si, mas seu modelo a outras relações, inclusive entre pessoas do mesmo sexo. A matriz heterossexual designa a expectativa social de que os sujeitos terão uma coerência linear entre sexo designado ao nascer, gênero, desejo e práticas sexuais.

Uma das principais pensadoras acerca da questão de gênero e teoria *queer*, Judith Butler (1999) inicia seus estudos a partir da análise entre as relações de poder existentes entre homens e mulheres e entre a homossexualidade e heterossexualidade, evidenciando que demonstrando a construção do dispositivo da sexualidade é fortemente marcado pela norma heterossexual. Assim, a heterossexualidade compulsória ou heteronormatividade é o conceito que foi construído culturalmente e visto como o único aceitável em diversos grupos sociais, sendo necessário romper com esses preceitos, a fim de que se respeitem as diferentes identidades de gênero e sexuais.

A referida autora também considera que é necessário desconstruir a noção binária existente entre sexo x gênero x desejo existente no imaginário social, presente ainda nos dias de hoje. Dessa forma, a questão de gênero não deve estar atrelada apenas a um sexo previamente dado (macho ou fêmea), aprisionando e mantendo, de certa forma, a ordem binária heteronormativa previamente existente. Para Butler (2003), mais do que uma identificação entre o masculino e o feminino, a questão de gênero faz parte e permite a performatividade. A partir de sua conceituação e compreensão do termo, muitos estudos foram realizados acerca da homossexualidade e transsexualidade, por exemplo, desenvolvendo-se a teoria *queer*.

Apesar de todas essas questões terem sido propositalmente forcluídas<sup>3</sup> do social, é possível questioná-las dentro das brechas dessa hegemonia, dentro das brechas do Estado, compreendendo-o para além das opressões, conforme afirma Duque (2014, p. 72):

O Estado aqui é entendido a partir das reflexões de Fátima Lima (2014), quando se propõe a trazer para o campo do debate as tensões constitutivas que se situa na relação Estado e política *queer*, isto é, as formas de reinventar novas possibilidades de existência, exatamente aquilo que o Estado não quer.

É exatamente nessas brechas, em que há a possibilidade de construção de novas formas de ser e estar na sociedade, que emerge o pensamento *queer*, que reconhece a sexualidade como um dos eixos centrais das relações de poder em nossa sociedade (MISKOLCI, 2014).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar sobre a perspectiva pós-estruturalista, é possível perceber que além das relações de poder, de dominação em relação às classes sociais, existe a preocupação primordial com outras formas de dominação de grupos hegemônicos que controlam outros grupos subordinados, tais como brancos x negros, homens x mulheres, heterossexuais x homossexuais, entre outros. Por esse motivo, é necessário desconstruir o que foi historicamente produzido e aceito como verdadeiro, a fim de evitar as diferentes formas de dominação e exclusão de grupos minoritários.

---

<sup>3</sup> Conceito psicanalítico definido por Jacques Lacan em seu Seminário 3 – As psicoses (1956) para definir o mecanismo específico da psicose representando a exclusão do sujeito do universo simbólico da linguagem, deixando-o à margem, privado, banido propositalmente de toda significação simbólica, sem possibilidade de abordagem de seus significantes, que não serão recalçados, mas voltarão constantemente no Real.

No decorrer do presente estudo, destaca-se que três importantes teorias baseiam-se na perspectiva de desconstrução, como a teoria do discurso, os estudos culturais e a teoria *queer*. Cada uma delas questiona a sociedade em relação às formas de dominação evidenciando que é necessário romper com os conhecimentos produzidos historicamente, mas que prejudicam determinados grupos sociais. As três teorias pós-estruturalistas têm em comum a perspectiva da desconstrução de ideias que são vistas como verdades absolutas, mas que são constituídas em binarismo, descentramento do sujeito contemporâneo e análise das questões simbólicas como constituintes de subjetividade.

Portanto, compreender a perspectiva pós-estruturalista enquanto ‘guarda-chuva’, permite perceber o sujeito em sua concepção bio-psico-histórico-social-cultural, ou seja, em sua integralidade, possibilitando compreendê-lo a partir de sua inserção em diversos contextos e sobre influência de diferentes variáveis. Permite compreender como o sujeito se desenvolve em seu contexto histórico e cultural e qual a significação que o mesmo dá a esses eventos, dando-lhe voz para dizer de si, de sua integralidade, de sua subjetividade.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, J. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**. Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 151-167.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização, 2003.

DUQUE, T. *Corpo, Estado e Militância: aquilo que você precisa saber antes de começar a ler uma puta teoria*. **Revista Florestan: Graduação em Ciências Sociais da UFSCar**, v. 1, n. 2, nov. 2014, p. 67-89.

ESCOSTEGUY, A. C. D. *Uma introdução aos Estudos Culturais*. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 9, dez., 1998, p. 87-97.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. (1930). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HALL, S. *Estudios culturales y sus legados teóricos*. **Sin garantías: Trayectorias y problemáticas en estudios culturales**. Eduardo Restrepo, Catherine Walsh e Víctor Vich (editores), 1ª ed., Lima - Peru, Instituto de Estudios Peruanos, 2010.

HALL, S. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10ª ed. São Paulo: DP&A Editora, 1998.

HALL, S. *Cultural Studies: two paradigms*. **Media, Culture and Society**, Londres, v 2, 1980. p. 57-72.

LACAN, J. *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. In.: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.496-533.

LOSEKANN, C. *Teorias e métodos a partir do pós-estruturalismo – uma introdução ao tema da ciência e do discurso*. **GETPol - Anais do Colóquio do Grupo de Estudos de Teoria Política**, v. 1, n. 1, 2012, p. 1-8. Disponível em: <<http://www.portaldepublicacoes.ufes.br/getpol/article/view/3646/2892>>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

MACHADO, B. F. V. Saussure, o discurso e o real da língua: entre linguística e psicanálise. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 55, n. 1, 2011, p. 271-286.

MISKOLCI, R. Estranhando as ciências sociais: notas introdutórias sobre teoria *Queer*. **Revista Florestan: Graduação em Ciências Sociais da UFSCar**, v 1, n. 2, nov. 2014, p. 8-25.

PEREIRA, T. V. As contribuições do paradigma pós-estruturalista para analisar as políticas curriculares. **Espaço do Currículo**. v. 3, n. 1, 2010, p. 419-430.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

QUINET, A. **Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

SÉRVIO, P.; MARTINS, R. Estudos Culturais e labirintos epistemológicos: consequências para concepções de educação. **Artifícios**, v. 3, n. 5, jun. 2013, p. 01-25.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In.: SILVA, T. T. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005a.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005b.